

Deflagração de Ações voltadas à Formação Docente



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)


Ano 2020

Deflagração de Ações voltadas à Formação Docente



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Deflagração de ações voltadas à formação docente

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Solange Aparecida de Souza Monteiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D313 Deflagração de ações voltadas à formação docente [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-381-1

DOI 10.22533/at.ed.811200909

1. Educação. 2. Prática de ensino. 3. Professores –
Formação. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em um futuro bem próximo, a sociedade terá, no tocante à criatividade, a mesma consciência que tem hoje em dia sobre a universalidade da educação. Dito com os termos do enunciado: a educação da criatividade será uma exigência social.

Saturnino de la Torre (2008, p. 22)

O livro *Deflagração de Ações voltadas à Formação Docente* que ora apresentamos para mais um esforço da expansão de conhecimentos e saberes em torno de temas que nos são tão caros sobre a formação e o desenvolvimento profissional de docentes; numa só obra, os autores reúnem estudos e pesquisas sobre História da Educação, Política Educacional, Didática e Práticas Pedagógicas, ação docente crítica e reflexiva, com vistas a aprendizagens significativas, profissionalização docente, também considerando a práxis como um dos elementos fundantes de constituição da docência. Em termos históricos, no cenário mundial, a docência como prática profissional ligada ao campo da educação tem uma existência multiplamente secular.

A formação de professores é considerada um pilar fundamental do processo educativo, por isso há necessidade de se rever o papel dos educadores e de sua formação, tanto inicial quanto continuada. O processo de reflexão-ação-reflexão deve permear todas as ações do percurso formativo do professor, sejam em cursos, momentos programados na escola ou mesmo na construção da experiência docente, a partir do seu fazer pedagógico cotidiano.

No Brasil, a discussão sobre formação de professores se inicia, efetivamente, após a Independência, com a necessidade de uma educação também voltada para as classes menos favorecidas; no entanto, até os dias atuais, ainda busca a consolidação de sua identidade e de sua profissionalização (com profissionalidade). Mais recentemente, com o advento da Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e de regulamentação posterior, associada aos contextos sociais e econômicos mundiais e ao avanço das ciências, houve um incremento significativo de exigências em relação aos docentes, necessidades constantes de reformulações curriculares, provocando também mudanças nas relações entre docentes e discentes. Por outro lado, convivemos num ambiente educacional com escassez de recursos materiais e deficientes condições de trabalho. Dessa forma, a docência (o ser docente) oscila entre a proletarização e a profissionalização (PERRENOUD, 2001) ou uma profissionalização proletarizada. Necessita-se de uma formação docente de qualidade na contemporaneidade, que não pode ser pensada fora de um contexto histórico e de políticas educacionais consistentes, que envolvam também valorização docente.

Boa Leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
TRILHAS FORMATIVAS: UMA PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES PARA EAD	
Eliziane Rodrigues de Queiroz Costa	
Simone Braz Ferreira Gontijo	
DOI 10.22533/at.ed.8112009091	
CAPÍTULO 2	13
CONFESSIONALIDADE PROTESTANTE NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS	
Humberto de Sousa Fontoura	
João Baptista Carrijo	
Priscila Maria Alvares Usevicius	
DOI 10.22533/at.ed.8112009092	
CAPÍTULO 3	20
PNAIC E AS CONTRIBUIÇÕES PARA AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	
Mirian Saraiva Pureza	
DOI 10.22533/at.ed.8112009093	
CAPÍTULO 4	28
O DESAFIO DOS “ENSINOS” NO CURSO DE PEDAGOGIA	
Keila Andrade Haiashida	
DOI 10.22533/at.ed.8112009094	
CAPÍTULO 5	37
A FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA	
Raquel Maria da Silva Costa Furtado	
Benedita Maria do Socorro Campos Sousa	
José Orlando Ferreira de Miranda Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.8112009095	
CAPÍTULO 6	47
UM NOVO MODELO DE AULA INVERTIDA: DESAFIADORA E PARTICIPATIVA	
Lara Gurgel Fernandes Távora	
Sílvia Fernandes Ribeiro da Silva	
Sônia Leite da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8112009096	
CAPÍTULO 7	57
CONCEPÇÕES DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
Cassia Cristina Bordini Pirolo	
Celia Regina Vitaliano	

Nilton Munhoz Gomes

DOI 10.22533/at.ed.8112009097

CAPÍTULO 8..... 66

O DESAFIO DO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE PROFESSORES POLIVALENTES SOBRE QUESTÕES LIGADAS ÀS GEOCIÊNCIAS

Alessandra Rodrigues

Fabiana Curtopassi Piocker-Hara

DOI 10.22533/at.ed.8112009098

CAPÍTULO 9..... 83

EXPERIÊNCIAS DA DOCÊNCIA NO ENSINO DE HISTÓRIA: DESAFIOS E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Marinete Aparecida Zacharias Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.8112009099

CAPÍTULO 10..... 97

RASGOS DE LA VIDA ACADÉMICA. TRES CASOS DE PROFESORAS DE PEDAGOGÍA EN LA FACULTAD DE FILOSOFÍA Y LETRAS DE LA UNAM

Jesús Carlos González Melchor

DOI 10.22533/at.ed.81120090910

CAPÍTULO 11..... 107

A UTILIZAÇÃO DE ESTRUTURAS NARRATIVAS OC2-RD2 NO ENSINO DE COMPUTAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Wilson Vendramel

Henrique Guirelli

Italo Santiago Vega

DOI 10.22533/at.ed.81120090911

CAPÍTULO 12..... 116

O IMAGINÁRIO DO “PROFESSOR-HERÓI” NA ESCOLA: PRODUÇÕES ACADÊMICAS ENTRE 2011 E 2016

Wellington Félix Cornélio

DOI 10.22533/at.ed.81120090912

CAPÍTULO 13..... 124

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO MÉDIO: UMA PERSPECTIVA DE ENSINO DE LÍNGUA A PARTIR DO LIVRO DIDÁTICO *PORTUGUÊS 3 – SER PROTAGONISTA*

Mayara Mayre Silva dos Santos

Carla Regina de Souza Figueiredo

DOI 10.22533/at.ed.81120090913

CAPÍTULO 14..... 135

BRINQUEDO TERAPÊUTICO: PROJETO DESENVOLVIDO POR ALUNOS DA GRADUAÇÃO DE ENFERMAGEM DE UMA UNIVERSIDADE DO INTERIOR DE SÃO PAULO

Gabriella Rocha de Moura Vicente

Pamela Bruna Correa
Lorena de Godoi Montes
Aline Graziele Godoy Duarte
Isabella Victória dos Santos Passarinho
Sthefânia Carla dos Santos Almeida

DOI 10.22533/at.ed.81120090914

CAPÍTULO 15..... 139

CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA VIGOTSKIANA PARA EDUCAÇÃO: A ZONA DE DESENVOLVIMENTO PRÓXIMO

Rosimeire Ferreira Diniz

DOI 10.22533/at.ed.81120090915

CAPÍTULO 16..... 143

DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES: O PAPEL DE UM PROJETO DE EXTENSÃO

Sthefânia Carla dos Santos Almeida

Lorena de Godoi Montes

Patrícia Kelly Silvestre

Isabella Victória dos Santos Passarinho

Gabriella Rocha de Moura Vicente

Pamela Bruna Correa

DOI 10.22533/at.ed.81120090916

CAPÍTULO 17..... 147

GOOGLE SALA DE AULA: UTILIZAÇÃO DA FERRAMENTA EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO NO INTERIOR DE SÃO PAULO

Isabella Victória dos Santos Passarinho

Lorena de Godoi Montes.

Aline Graziele Godoy Duarte.

Patricia Kelly Silvestre.

Sthefânia Carla dos Santos Almeida.

Gabriella Rocha de Moura Vicente.

Pamela Bruna Correa.

DOI 10.22533/at.ed.81120090917

CAPÍTULO 18..... 152

O TRABALHO DOCENTE E SEU MOVIMENTO

Renato Gomes Vieira

José Elias Domingos

Rogério dos Santos Bueno Marques

DOI 10.22533/at.ed.81120090918

CAPÍTULO 19..... 165

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA ANÁLISE DO MODELO NEOLIBERAL DE POLÍTICAS EDUCATIVAS

Jefferson Fellipe Jahnke

DOI 10.22533/at.ed.81120090919

CAPÍTULO 20.....	178
TEMPOS DE PANDEMIA: (RE)INVENTAR A EDUCAÇÃO ESCOLAR A CADA DIA	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
Claudionor Renato da Silva	
Melissa Camilo	
Valquiria Nicola Bandeira	
Débora Cristina Machado Cornélio	
Monique Delgado de Faria	
Claudionor Renato da Silva	
Marilurdes Cruz Borges	
DOI 10.22533/at.ed.81120090920	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	188
ÍNDICE REMISSIVO.....	189

CAPÍTULO 13

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO MÉDIO: UMA PERSPECTIVA DE ENSINO DE LÍNGUA A PARTIR DO LIVRO DIDÁTICO *PORTUGUÊS 3 – SER PROTAGONISTA*

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 05/06/2020

Mayara Mayre Silva dos Santos

Universidade Federal da Grande Dourados –
Mestranda em Letras FACLE/PPGL
Dourados – MS
<http://lattes.cnpq.br/6651603938640005>

Carla Regina de Souza Figueiredo

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
– Docente no Curso de Letras (hab. Português/
Inglês)
Dourados – MS
<http://lattes.cnpq.br/6172024268154952>

RESUMO: A partir das recomendações oficiais, como as trazidas na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000), analisar-se-á como a obra *Português*, da coleção *Ser Protagonista* (BARRETO, et al. 2010), destinada ao 3º ano do Ensino Médio, abordou a temática variação linguística, uma vez que se prevê ao componente curricular *língua portuguesa* a mobilização dos letramentos por meio de textos em que os alunos reconheçam diversas práticas de uso da língua considerando as necessidades de interação nos diferentes contextos de produção. Adotou-se, como parâmetro avaliativo, as perguntas formuladas por Bagno (2007) e Lima (2014) sobre a adequação do tratamento dado pelos livros didáticos aos fenômenos de variação e de mudança linguísticas, além das

contribuições da Sociolinguística. Observou-se que Barreto (et al. 2010) a) utilizaram diferentes gêneros textuais em que as variantes linguísticas representavam situações reais de uso da língua; b) a variação no livro didático não se limitou ao sotaque e ao léxico, uma vez que fenômenos gramaticais também foram contemplados; c) explicitaram que a variação ocorre tanto na fala quanto na escrita; d) exemplificou a variação diatópica por meio de gírias da Língua Brasileira de Sinais; e e) distinguiram a norma-padrão dos usos linguísticos autênticos dos falantes urbanos letrados (norma-culta). Mesmo que *Português* não seja o livro didático adotado na escola, está na biblioteca entre as obras disponíveis para escolha do professor, por isso, acredita-se que o resultado deste texto contribuirá na preparação de aulas de língua portuguesa sobre variação linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Médio. Livro didático. Variação linguística. Língua. Ensino.

LINGUISTIC VARIATION IN HIGH SCHOOL: A PERSPECTIVE OF LANGUAGE TEACHING FROM THE PORTUGUÊS 3 – SER PROTAGONISTA TEXTBOOK

ABSTRACT: Based on official recommendations as from by the National Common Curricular Base (BRASIL, 2017) and the Nacional Curriculum Parameters (BRASIL, 2000), in this text will be analyzed as the Portuguese book, from the collection *Ser Protagonista* (BARRETO, et al. 2010), wich is destined for the 3rd level of brazilian High School, discussed the theme of linguistic variation, since the Portuguese

language curriculum component is expected to mobilize literacies through texts in which students recognize different practices of language use considering the needs for interaction in different contexts of production. It was used as an evaluative parameter the questions asked by Bagno (2007) and Lima (2014) on the adequacy of the treatment given by textbooks to the phenomena of linguistic variation and change as well the contributions of Sociolinguistics. It was observed that Barreto (et al. 2010) a) used different textual genres in which the linguistic variants represented real situations of language use; b) the variation in the textbook was not limited to the accent and the lexicon, since grammatical phenomena were also considered; c) explained that the variation occurs both in the speech and in the writing; d) exemplified the diatopic variation by slang from the Brazilian Sign Language; and e) and distinguished the standard norm from the authentic linguistic uses of literate urban speakers (culture norm). Even if Português is not the textbook adopted at school, it is in the library among the works available for the teacher to choose, therefore so it is believed that the result of this text will contribute to the preparation of Portuguese language classes about linguistic variation.

KEYWORDS: High School. Textbook. Linguistic variation. Language. Teaching.

1 | INTRODUÇÃO

O livro didático (LD) é um material que norteia o professor nas práticas em sala de aula e colabora com mecanismos capazes de provocar discussões e apropriações de novos discursos linguísticos. Com o auxílio deste material, o professor poderá direcionar suas aulas e refletir sobre as práticas de ensino de variação linguística nos dias atuais, cabendo a ele adaptar as propostas de atividade ao contexto sociocultural de uso de uma língua. As orientações dos documentos oficiais - Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) - conduzem à uma reflexão a respeito da abordagem de aspectos históricos, sociais, culturais e políticos do sujeito no que concerne ao ensino de língua. Eis o que prevê a Base Nacional BNCC:

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como respeitando as variedades linguísticas e agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza. Essa competência específica [competência 4 das Linguagens e suas tecnologias no Ensino Médio] indica a necessidade de, ao final do Ensino Médio, os estudantes compreenderem as línguas e seu funcionamento não de maneira normativa, como um conjunto de regras e normas imutáveis, mas como fenômeno marcado pela heterogeneidade e variedade de registros, dialetos, idioletos, estilizações e usos muito variados de outras línguas em âmbito global, respeitando o fenômeno da variação linguística, sem preconceitos. (BRASIL, 2017, p.486).

[...]

Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variação fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-

pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos [língua portuguesa no Ensino Médio: campos de atuação social. Práticas: leitura, escrita, produção de textos e análise linguística/semiótica]. (BRASIL, 2017, p.500).

Diante do exposto, este trabalho visa analisar como a temática variação linguística é apresentada na obra *Português*, da coleção *Ser Protagonista* (BARRETO, et al. 2010), destinada ao 3º ano do Ensino Médio. Trata-se de um livro didático indicado pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) e por isso, ainda que não fosse o adotado na escola, estava na biblioteca à disposição daqueles que desejassem consulta-lo para a elaboração de aulas de língua portuguesa. Assim, acredita-se que os resultados desse estudo contribuirão com as práticas de ensino-aprendizagem do professor, mesmo que a referida obra não tenha sido revisada e/ou reformulada a partir do que determina a BNCC, em vigor no Brasil desde a sua aprovação em dezembro de 2017.

A edição do LD analisada (2010) consta no Guia do Livro Didático PNLD de 2012 e permaneceu recomendada nos outros que sucederam (2015; 2018). Na resenha da coletânea *Ser Protagonista – Português* (BRASIL, 2011, p.62-66), afirmou-se que, sobretudo no eixo conhecimentos linguísticos, os autores relacionaram conteúdos de linguística e de gramática a fim de promover reflexões sobre o uso da língua, propondo, inclusive, questionamentos acerca de conceitos consagrados da tradição gramatical (BRASIL, 2011, p. 62).

[...] Esse eixo, trabalhado na parte “Linguagem”, considera, na abordagem das normas urbanas de prestígio, o português brasileiro contemporâneo. As atividades tanto exploram os fenômenos de linguagem de uma perspectiva linguística quanto do ponto de vista da gramática tradicional, observando-os em experiências textuais e discursivas autênticas [...]. Nos volumes 2 e 3, no box “diversidade” e, eventualmente, no box “anote” são introduzidas considerações a respeito da variação linguística. (BRASIL, 2011, p.65-66)

Considerando também que estudos apontavam a recorrência de discussões acerca da variação linguística limitada às variedades rotuladas como rurais/caipiras (a exemplo dos quadrinhos do Chico Bento), decidiu-se analisar o LD *Português* (BARRETO et al. 2010) a fim de avaliar como o uso efetivo do português era abordado na referida obra.

2 | METODOLOGIA

Para direcionar a análise do LD *Português* (BARRETO et al. 2010) quanto ao enfoque dado ao tema variação linguística, usou-se como parâmetro um rol de perguntas sugeridas por Bagno (2007) e Lima (2014), que Moura e Figueiredo (2017, p.88) organizaram numa ficha analítica, tal como se demonstra a seguir.

Referência bibliográfica da obra “X”		
PERGUNTA	SIM	NÃO
01. O livro didático trata da variação linguística?		
02. O livro didático menciona de algum modo a pluralidade de língua que existe no Brasil?		
03. O tratamento se limita às variedades rurais e/ ou regionais?		
04. O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos escolarizados)?		
05. O livro didático separa a norma-padrão da forma culta (variedades prestigiadas) ou continua confundindo a norma-padrão com uma variedade real da língua?		
06. O tratamento da variação no livro didático fica limitada ao sotaque e ao léxico ou também aborda fenômenos gramaticais?		
07. O livro didático mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática? Ou continua, nas outras seções, a tratar do certo e do errado?		
08. O livro didático explicita que também existe variação entre fala e escrita, ou apresenta a escrita como homogênea e a fala como um lugar de erro?		
09. O livro didático aborda o fenômeno da mudança linguística?		
10. O livro didático apresenta a variação linguística apenas para dizer que o que vale mesmo, no final das contas, é a norma-padrão?		
11. A variação linguística é uma constante na obra ou aparece de forma pontual, isolada?		
12. A terminologia utilizada pelo livro se adéqua aos padrões científicos ao mesmo tempo em que é acessível ao aluno?		
13. Há a utilização de gêneros textuais que sejam representativos das variantes linguísticas abordadas, em situações reais de uso?		
14. Os fenômenos abordados estão coerentes com a realidade linguística do português brasileiro (PB)?		

Ficha analítica da obra “X”

Fonte: Moura e Figueiredo (2017, p.88) a partir de Bagno (2007, p.125-139) e Lima (2014, p.123).

A partir das contribuições da Sociolinguística, observou-se como cada questão “foi respondida” positiva ou negativamente durante a análise do LD selecionado.

3 I A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LD PORTUGUÊS

A temática variação linguística é abordada na obra *Português* (BARRETO et al. 2010), de maneira explícita, em três momentos. No primeiro, apresentam-se três textos com pontos de vista distintos acerca a existência ou não de uma “língua brasileira”, discussão fomentada sobre: Em que circunstâncias devemos considerar as formas de falar uma língua como variantes e, por essa razão, mantermos o mesmo nome para estas maneiras que apresentam diferenças fonéticas, lexicais e/ou morfossintáticas? Talvez, a política linguística, reflexo de como o Estado delibera sobre as línguas e os seus usos na sociedade, seja o argumento central para tal questão. Após a leitura dos textos, o LD sugere um debate que apreende desde a compreensão dos textos e os resultados de pesquisas acerca das diferenças linguísticas entre o uso do português no Brasil, em Portugal e em países africanos ao posicionamento dos alunos a respeito do idioma falado no território brasileiro não ser mais denominado língua portuguesa.

Debate

1. Reúna-se em grupos de até cinco alunos. Identifique, entre os textos lidos, aqueles que se mostram favoráveis à distinção de uma língua brasileira e os que a consideram uma variedade da língua portuguesa. Localize os trechos que explicitam esse ponto de vista.
2. Que justificativas são apresentadas para sustentar cada um dos posicionamentos?
3. Releia o quadro apresentado no texto 2. Pesquise outras diferenças linguísticas entre Brasil, Portugal e países africanos e complemente o quadro em seu caderno. Para isso, consulte sites, livros, dicionários, revistas e jornais.
4. Discuta com seu grupo: as diferenças observadas constituem um empecilho para a interação entre falantes brasileiros, portugueses e luso-africanos? Por quê?
5. Com base nas reflexões anteriores, o grupo deve definir seu posicionamento a respeito da questão: O idioma falado no Brasil deveria se chamar língua brasileira?
6. Com a ajuda do professor, o debate será ampliado para toda a classe. Cada grupo deverá apresentar aos demais sua conclusão e os argumentos que a justificam, citando trechos dos textos lidos, além de outros teóricos e exemplos.

Fonte: Barreto (et al. 2010, p.249).

Noutra ocasião, quando o conteúdo “termos integrantes da oração” é estudado, o trecho do romance “*Outsiders: vidas sem rumo*” de Susan E. Hilton serve de pretexto para que a dinamicidade da língua seja trazida novamente para a sala de aula. Na narrativa, a descrição de um conflito social entre jovens de classe média baixa de Oklahoma (EUA), no final de década de 1960, e os garotos ricos; cada grupo reconhecido não só pela maneira de se vestir como pelo comportamento linguístico divergente ao adotarem gírias que os identifiquem como pertencentes a um grupo que não outro. Nesta unidade, evidencia-se, a partir da variação diastrática, o quão o locutor, o interlocutor, a mensagem e o canal

interferem no processo comunicativo. Em excertos do romance, observa-se na fala dos personagens o uso dos pronomes pessoais exercendo a função de complemento verbal (ex. *Eu já tinha visto ela antes [...] Eu sempre tinha achado ela orgulhosa*). No item denominado “Anote”, os autores do LD ressaltam que mesmo sendo consideradas inadequadas em situações formais, em gêneros textuais como e-mails e bilhetes, falantes cultos também podem usar, na modalidade escrita, construções sintagmáticas como “eu vi ela” ao invés de “eu a vi”. Aqui, duas observações: a) a preocupação dos autores em demonstrar que “diferentes variedades linguísticas apresentam comportamentos sintáticos distintos, com regras próprias de funcionamento” (BARRETO et al. 2010, p.273) tanto na oralidade quanto na escrita; e b) apresentação do conceito de “variedades urbanas de prestígio” (BARRETO et al. 2010, p.273) como sinônimo de usos linguísticos autênticos das falantes urbanos letrados, ou seja, de norma-culta, segundo Bagno (2013, p.61).

Na proposição de texto, solicitam ao aluno uma entrevista semi-dirigida (formular 05 questões) sobre o perfil do adolescente brasileiro hoje. Após a coleta do depoimento, o entrevistador é instruído a transcrever trechos que julgar interessantes e retextualizá-los, de modo a articula-los num texto contínuo. Cumprida esta etapa, apresentar o resultado da atividade ao entrevistado, que avaliará se as marcas linguísticas reveladoras de sua identidade e as informações necessárias para a compreensão do seu discurso foram preservadas. Deste modo, a seleção das atividades presentes no livro menciona conceitos que levam o aluno a perceber no estudo da língua a marcação cultural dos falantes, mostrando que, do ponto de vista sintático, morfológico e fonético, pode-se existir diversidades linguísticas de acordo com o contexto sociocultural de cada indivíduo. Neste sentido, Lyons (2009) corrobora:

Na medida em que expressamos a nossa personalidade e individualidade em nosso comportamento linguístico, fazemo-lo em termos de categorias sociais que estão codificados por assim dizer, na variação linguística na comunidade na qual somos membros. Além disso, o significado social atribuído às variáveis de sotaque e dialeto é determinado, na maioria das vezes, pelo que chamamos de estereótipos. (LYONS, 2009, p. 205).

Logo, as atividades propostas no LD conduzem o aluno a pensar a respeito das situações formais e informais de uso da língua, conduzindo-o a uma reflexão acerca da variação dos elementos linguísticos (utilizados nos gêneros textuais falados ou escritos) de acordo com o contexto cultural de pertencimento do sujeito enunciador.

Com o *feedback*, a reescrita do texto pode ser realizada. Trata-se de uma tarefa profícua para abordar fenômenos linguísticos decorrentes da variação diafásica (uso que cada falante da língua faz de acordo com o grau de monitoramento – formal ou informal – que ele confere à comunicação verbal) e da variação diamésica (manifestação da língua falada ou escrita como meio eleito para a produção de uma mensagem), uma vez que diferentes gêneros textuais (elaboração de questionário, entrevista e textualização elaborada pelo

repórter/aluno) na realização do exercício.

Para tratar da variação diatópica, ou seja, daquela verificada por meio da comparação entre os modos de utilizar uma mesma língua em lugares diferentes (espaço geográfico), a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é tomada como pretexto para o ensino deste conteúdo. Os autores do LD esclarecem que

Assim como o português falado, ela [libras] também apresenta variações regionais, sendo possível em alguns casos identificar a origem geográfica de um surdo pela maneira como ele gesticula. Os sinais de Libras são formados por uma associação de cinco parâmetros: a configuração das mãos (formas produzidas pela mão predominantemente ou por ambas), o movimento (o sinal pode ser feito em ponto fixo ou apresentar movimento), as expressões faciais e corporais (elas dão a entonação aos sinais), a orientação (direção para onde as mãos e o rosto se dirigem) e o ponto de articulação (local onde é feito o sinal – tocando uma parte do rosto/corpo ou em um espaço neutro). A variedade ocorre quando há diferença em pelo menos um desses parâmetros entre as comunidades linguísticas. (BARRETO et al. 2010, p.288).

A escolha da Libras é salutar não só por referendar a noção de heterogeneidade inerente a qualquer língua em uso como para apreender que cada variedade tem características peculiares capazes de diferencia-las dos outros “modos de falar”, neste caso pronunciadas por gestos, uma mesma língua. Em trechos de uma reportagem sobre as variações e as gírias em libras, os alunos perceberão, por exemplo, que mesmo num universo sem sons, há regionalismos no sortido espectro de variantes em forma de gesto. Entre as atividades previstas, a consulta ao Dicionário *on line* de Libras (<http://www.acesobrasil.org.br/libras/>) a fim de que pesquisassem alguns sinais e procurassem estruturar um pequeno diálogo, que seria exposto na sala de aula. O LD, além de proporcionar ao consultante uma discussão sobre variação linguística em outra língua que não a portuguesa, não limita as variedades regionais aos exemplos de diferenças lexicais e fonéticas do português. E mais, conduz os discentes a uma experiência de contato linguístico com Libras, sinalizando, de algum modo, a pluralidade de línguas existentes no Brasil.

No capítulo 32, que objetiva revisar os pronomes pessoais e as regras de colocação pronominal tanto na norma-padrão quanto em outras situações de uso cotidiano da língua portuguesa, o LD mostra-se coerente entre o que diz sobre variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática. Ao traçar um paradigma entre o que prescreve a norma-padrão e o que usa, tanto na oralidade quanto na escrita, a parcela letrada da sociedade, legitima um processo de variação que, futuramente, poderá representar mudanças de regras do português, tal como se observa quanto ao uso do sintagma nominal “a gente” como indicativo da primeira pessoa do plural e do pronome de tratamento “você” para se referir a segunda pessoa do pronome pessoal do caso reto.

Quando determinados usos não normativos passam a ser usados por falantes urbanos escolarizados, eles deixam de ser percebidos como “erros” e se incorporam às variedades de prestígio. (BAGNO, 2007, p.117).

Disponibilizar aos alunos não só o padrão é corroborar com o que já dizia Bagno:

[...] devemos lutar para criar uma pedagogia da variação e da mudança linguística, uma reeducação sociolinguística, em que a língua seja sempre vista como heterogênea, variável e mutante, sujeita às vicissitudes e peripécias da vida em sociedade. Em vez de tentar ensinar somente a regra A ou somente a regra B, como se elas fossem mutuamente excludentes, é possível transformar em objeto e objetivo de ensino a própria existência de A e B, e o convívio das duas. (BAGNO, 2007, p.116).

[...] Os livros didáticos de língua portuguesa têm avançado muito na incorporação dos novos conceitos de educação linguística propostos nos últimos vinte anos ou mais. No entanto, as abordagens que eles oferecem das questões de variação e mudança linguística ainda são falhas e distorcidas (BAGNO, 2007, p. 140).

Veja um trecho do LD sobre a colocação pronominal condizente com o que postulou Bagno (2007).

Ao estudar as classes de palavras, você aprendeu que os **pronomes pessoais**, que designam as pessoas do discurso, dividem-se em casos **retos** e **obliquos**. Veja o quadro.

		Pronomes pessoais retos	Pronomes pessoais oblíquos	
			Atonos	Tônicos
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe, se	ele, ela, si, consigo
Plural	1ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes, se	eles, elas, si, consigo

O português do Brasil conta ainda com *a gente*, que indica a primeira pessoa do plural; e *você(s)*, indicativo da segunda pessoa, classificado como pronome de tratamento.

Nas variedades urbanas de prestígio, os pronomes pessoais do **caso reto** ocupam nas orações a função de **sujeito**: “Eu já estudei”, “Ela chegou”, “A gente vai ao cinema”, etc. Mais raramente, aparecem também como **predicativo**: O melhor de tudo é **ele**.

Os do **caso oblíquo** são empregados fundamentalmente como **complementos verbais**, mas podem também ocupar a função de **adjunto adnominal** e de **sujeito**. Observe:

Funções sintáticas dos pronomes oblíquos nas variedades urbanas de prestígio	
Argumento	Exemplo
objeto direto	As pessoas <i>me</i> julgam sem saber dos fatos.
objeto indireto	Emprestei <i>lhe</i> meu caderno com as anotações.
adjunto adnominal	O namorado olhou para a garota e tomou <i>lhe</i> as mãos. (<i>lhe</i> = da garota)
sujeito (de verbo no infinitivo)	Façam <i>-no</i> comer. (= Façam com que ele comal)

Fonte: Barreto (et al. 2010, p.338).

Percebe-se, ao longo dos capítulos, que os autores do LD se preocuparam em distinguir norma-padrão (sem realizar referência valorativa à norma-padrão) da variedade tratada por eles como “variedade urbana de prestígio”. Bem como Faraco (2008, p.73) postula: a norma-padrão “é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística”, pois a “norma designa o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade, incluindo os fenômenos em variação” (FARACO, 2008, p.40). Assim, percebe-se que a língua é determinada não apenas pelos padrões existentes, mas estabelece uma conexão entre o seu uso e o contexto sociocultural de cada indivíduo.

No **uso cotidiano da língua**, é comum os falantes utilizarem construções que não estão de acordo com as regras de **regência** e **concordância** da variedade padrão. Isso acontece, inclusive, em situações discursivas mais formais envolvendo falantes considerados cultos. Esses usos indicam que determinadas construções sintáticas fixadas na variedade padrão não correspondem às atuais variedades urbanas de prestígio. (BARRETO et al. 2010, p.335).

Ainda sobre a colocação pronominal na língua cotidiana, os autores do LD selecionam um artigo de Bagno (2009) intitulado “Deixa eu ser brasileiro”, em que o linguista questiona o “apego” excessivo às regras da norma-padrão por parte de revisores de texto em detrimento do que afirma ser um modo próprio do falar do brasileiro. Assim, enfatizam que o emprego dos pronomes e a escolha de determinadas colocações frasais geram comportamentos distintos tanto na escrita como na fala. Eis alguns exemplos: a) a preferência pelo verbo “ter” ao invés de “haver” na formação do mais-que-perfeito composto (ex. tinha visto; tinha dito, tinha falado) e b) o uso do pronome oblíquo antes do verbo (próclise). Após alguns exercícios de compreensão e interpretação do texto, Barreto (et al. 2010) acrescentam:

No português brasileiro, há marcada preferência pela próclise, inclusive nos casos em que a gramática normativa recomenda a ênclise. A mesóclise vem caindo em desuso e tende a ser considerada um arcaísmo pela maior parte dos falantes.

No entanto, as prescrições da gramática normativa quanto à colocação pronominal ainda gozam de enorme prestígio social, sendo tomadas por certos setores da sociedade como o “português correto”. Por isso, é importante conhecer essas regras e saber utilizá-las quando o contexto de uso da língua assim o exigir. (BARRETO et al. 2010, p.343).

Assim, não se deve eleger a forma prescrita nas gramáticas normativas como a única a ser ensinada na escola, ao contrário, é necessário que se promova o acesso às diferentes variedades de uma mesma língua, pois isto oportunizará ao aluno um uso mais consciente e reflexivo do código eleito como instrumento comunicativo.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que os autores de *Português a*) utilizaram diferentes gêneros textuais em que as variantes linguísticas representavam situações reais de uso da língua; b) a variação no LD não se limitou ao sotaque e ao léxico, uma vez que fenômenos gramaticais também foram contemplados; c) explicitaram que a variação ocorre tanto na fala quanto na escrita; d) exemplificou por meio de gírias da língua brasileira de sinais (Libras) a variação diatópica; e e) distinguiram a norma-padrão dos usos linguísticos autênticos dos falantes urbanos letrados (norma-culta).

Embora o LD analisado não tenha cumprido todos os requisitos apontados por Bagno (2007) e Lima (2014) tais como a abordagem do fenômeno da mudança linguística, a presença de outras línguas no território brasileiro (as dos indígenas e as dos povos que migraram para o Brasil), que inclusive em decorrência do contato linguístico interferiram no português, e a constância na obra da temática variação; *Português* traz produtivas atividades que fomentam um olhar heterogêneo e funcional sobre a língua em uso. De acordo com Bagno (2007), faz-se necessário trabalhar com textos que retratem a diversidade do português brasileiro, evidenciando a realidade linguística do país, sabendo-se da existência de variações da língua em todas as comunidades de fala.

Deste modo, o tratamento com a variação linguística no LD estudado não se restringiu às variedades rurais e/ou regionais e apesar das terminologias utilizadas e abordagens de tópicos gramaticais para o ensino/estudo da língua, houve esforço por parte dos autores para abranger a diversidade linguística no Brasil - um ponto inicial para tentar extinguir o preconceito linguístico entranhado em nossa cultura.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino do português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

_____. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012, p.146-193.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BARRRETO, Ricardo Gonçalves; MARTINS, Matheus; STRECKER, Heidi; PENTEADO, Ana Elisa de Arruda; ABREU-TARDELLI, Lilia Santos; PRADO, Manuela; CLETO, Mirella L.; BERGAMIN, Cecília. **Português, 3º ano: ensino médio**. São Paulo: Edições SM, 2010. (Coleção *Ser Protagonista*).

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>> Acesso em 02 maio de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de Livros Didáticos: PNLD 2018: Língua Portuguesa**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de educação Básica, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de Livros Didáticos: PNLD 2015: Língua Portuguesa: Ensino Médio**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. MEC: Brasília, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 05 de Junho de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Guia de Livros Didáticos: PNLD 2012: Língua Portuguesa**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza; MOURA, Thaís Cristina de Almeida. Pra variar...o ensino da língua portuguesa em foco. In. GAMA, Anailton de Souza; GALINDO, Cláudia Sabbag Ozawa; BRITO, Ireni Aparecida Moreira (orgs.). **Práticas de língua, linguagem e literatura**. Nova Andradina: Gama Editorial, 2017, p.78-100.

LIMA, Ricardo Joseh. Variação Linguística e os livros didáticos de português. In. MARTINS, Marcos Antônio; VIEIRA, Sílvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (orgs.). **Ensino de Português e Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014, p.115-131.

LYONS, John. **Língua(gem) e linguística**: uma introdução. Tradução: Marilda Winkler Averbug. Clarisse Sieckenius de Souza. -- [Reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC. 2009.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 15, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 70, 71, 149

B

Brinquedo Terapêutico 134, 135, 136, 137

C

Confessionalidade Protestante 13, 14, 16

Covid 19 179, 183

Curso de Pedagogia 28

D

Desenvolvimento 1, 5, 6, 8, 9, 11, 15, 17, 21, 31, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 62, 64, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 79, 85, 88, 93, 110, 112, 113, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 149, 151, 154, 155, 156, 165, 166, 171, 182, 184

Desenvolvimento de Habilidades 44, 142, 143, 145

E

Ead 1, 183

Educação Escolar 169, 175, 177, 180, 181, 183, 187

Educação Física 32, 57, 58, 59, 63, 64

Educação Inclusiva 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65

Ensino de História 83, 84, 85, 87, 89, 93, 94, 95

Ensino de Língua 38, 43, 123, 124

Ensino Médio 89, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 132, 153, 173

Especializado 62

F

Formação Continuada 1, 2, 4, 7, 8, 9, 20, 21, 22, 27, 40, 45, 59, 61, 63, 66, 70, 71, 72, 73, 77, 78, 79, 81, 89, 94, 170, 182, 187

Formação Inicial 30, 37, 39, 40, 42, 58, 59, 61, 63, 64, 66, 79, 84, 92, 165, 166, 168, 170, 185

G

Geociências 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 77, 79, 80, 81

Google Sala de Aula 146

I

Instituições de Ensino Superior 13, 15

L

Língua Portuguesa 14, 22, 24, 25, 26, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 123, 125, 127, 129, 130, 132, 133

M

Modelo Neoliberal 164, 166, 173

P

Pandemia 3, 4, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185

Pnaic 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27

Políticas Educativas 164, 166

Polivalentes 66, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 77, 79

Práticas Pedagógicas 4, 20, 21, 22, 27, 66, 77, 79, 147, 170

Professor 4, 5, 8, 9, 10, 21, 23, 24, 26, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 39, 40, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 53, 54, 61, 62, 63, 68, 70, 71, 78, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 107, 108, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 138, 140, 147, 148, 149, 150, 153, 154, 156, 157, 158, 160, 164, 166, 167, 169, 170, 172, 173, 175, 179

Professores 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 50, 57, 59, 61, 63, 64, 66, 68, 70, 71, 72, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 94, 118, 119, 120, 121, 122, 147, 149, 153, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 180, 182, 183, 185, 187

Programa Residência Pedagógica 37, 38, 39, 42

Projeto de Extensão 142, 143

Q

Qualificação Profissional 83, 173

T

Teoria Vigotskiana 138

Trabalho Docente 22, 39, 40, 118, 119, 120, 121, 122, 151, 153, 154, 156, 161, 162, 163, 179

Trilhas Formativas 1, 4, 8, 10

V

Varição Linguística 123, 124, 125, 126, 128, 129, 132, 133

Z

Zona de Desenvolvimento 138

Deflagração de Ações voltadas à Formação Docente

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Deflagração de Ações voltadas à Formação Docente

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 